



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

DIOGO SANTANA FONSECA

**CULTURA ESCRITA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
AS NARRATIVAS NEGRAS PARA PRÁTICAS ANTIRRACISTAS E
ANTISSEXISTAS NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EJA:
CADERNO DIDÁTICO “VOZES-TRAÇOS DE MÃE ÁFRICA”**

**SALVADOR
2024**

DIOGO SANTANA FONSECA

**CULTURA ESCRITA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
AS NARRATIVAS NEGRAS PARA PRÁTICAS ANTIRRACISTAS E
ANTISSEXISTAS NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EJA:
CADERNO DIDÁTICO “VOZES-TRAÇOS DE MÃE ÁFRICA”**

Caderno didático-pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como produto do processo formativo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

**SALVADOR
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fonseca, Diogo Santana

Vozes-traços de Mãe África: projeto didático com narrativas negras para práticas antirracistas e antissexistas na EJA / Diogo Santana Fonseca. -- Salvador, 2024.

33 f. : il

Orientadora: Ana Lúcia Silva Souza.

Caderno pedagógico (Mestrado Profissional em Letras) -- Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2024.

1. EJA. 2. Material didático. 3. Antirracismo. 4. Antissexismo. 5. Letramentos de Reexistência. I. Souza, Ana Lúcia Silva. II. Título.

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
Mas os fundos oceanos não me amedrontam
E nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo (2021, p.11)

“Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas,
nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(...)
Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
(...)
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conta do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria.

Conceição Evaristo (2021, p.43)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
QUADRO-SÍNTESE DAS OFICINAS	8
OFICINA 01: QUEM É ESSA TAL DE ÁFRICA?	9
OFICINA 02: TAL MÃE, TAL FILHO: A ÁFRICA EM NÓS!.....	11
OFICINA 03: A MULHER ESTÁ NA RODA DE SAMBA, BEM NO CENTRO.....	14
OFICINA 04: GUERREIRAS E RAINHAS.....	17
OFICINA 05: DO ÚTERO DE MINHA MÃE-PRETA, NASCE A MINHA LÍNGUA... ..	18
OFICINA 06: ...E É NO PEITO DE MINHA MÃE QUE EU A ALIMENTO!	20
OFICINA 07: MÃE ANCESTRAL: UMA MULHER COMUM GIRANDO RAINHA.....	21
OFICINA 08: “MULHER, SUA POESIA É ÁGUA!”	25
OFICINA 09: “MÃE É MULHER QUE AMA, DESEJA E SOFRE, MAS TAMBÉM SE LIBERTA!”	27
OFICINA 10: BRILHO E PODER MATERNAL: INSUBMISSA BELEZA DA MULHER NEGRA	29
CULMINÂNCIA DAS OFICINAS	31
REFERÊNCIAS	33

APRESENTAÇÃO

Caro/a colega professor/a,

Se este caderno pedagógico chegou até você – ou vice-versa – significa que, provavelmente, é um/a docente de língua portuguesa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e/ou que se preocupa com a pauta antirracista e antissexista, em prol de uma sociedade mais justa e equânime. Seja bem-vindo/a! Sou um professor de língua portuguesa negro e apresento este caderno de oficinas didáticas como fruto da minha dissertação do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, defendido na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Com o intuito de contribuir para a formação de cidadãos/ãs críticos/as e autônomos/as, sugiro, a princípio, por meio deste caderno, que os/as docentes promovam experiências de leitura e de produção de textos que circulem na sociedade, que realmente sejam lidos e escritos para atingirem um objetivo, e não apenas para serem avaliados pelo/a professor/a. Nesse sentido, as narrativas biográficas constituem-se, neste trabalho, como fontes de aprendizagens, uma vez que preservam a história pessoal e/ou coletiva, geram conexões interpessoais e entretenimento e contribuem para a formação da identidade e do autoconhecimento dos/as sujeitos/as.

E, assim, acreditando ser a escola o ambiente socialmente legitimado para o ensino – embora as práticas de interação linguística ocorram em diversos ambientes além desta –, e o material didático, o principal veículo e suporte nesse processo de ensino-aprendizagem, este trabalho busca propor oficinas didáticas para a Educação de Jovens e Adultos como material didático sugerido para um trabalho baseado numa perspectiva interseccional – antirracista e antissexista –, a fim de contribuir para tornar presente a história da África e do Brasil africano no chão da sala de aula, estimulando comportamentos de alteridade, de solidariedade e de tolerância, gerando debate e enfrentando o racismo, o sexismo e as discriminações que nos atingem enquanto população negra. As narrativas biográficas foram escolhidas como aporte para o desenvolvimento das práxis de leitura e escrita, por influenciarem direta e cotidianamente a vida dos/as estudantes em suas práticas de letramento, por meio de diversos/as agentes.

As interações partirão de uma roda de conversa, a fim de dar voz e escuta aos/às estudantes, desenvolvendo as atividades de modo mais participativo e interativo e suscitando o empoderamento desses/as sujeitos/as. Pensando em roda de conversa, Souza e Lima (2019) defendem que se trata de um:

Dispositivo metodológico para suscitar e potencializar a participação, o diálogo e o empoderamento, pois, apoiada por um ou mais recursos, é capaz de mobilizar a fala dos diferentes sujeitos, envolvê-los em um círculo de cultura; com a roda, ocorre a desnaturalização das desigualdades e ampliação do discurso sobre si e sobre o outro. (Souza e Lima, 2019, p. 167)

Este trabalho propositivo fundamenta-se na interseção entre o texto, a vida e a escrevivência, numa busca incessante pela produção de saberes a partir da valorização do povo negro, mais precisamente das mulheres negras. É a partir das narrativas lidas e produzidas por essas mulheres que se dará o conhecimento linguístico. É um exercício construído por meio do símbolo Adinkra Sankofa: observando suas vivências e as vivências de outras mulheres no passado, há de se refletir sobre o presente e de se construir um futuro melhor para si e para outras mulheres negras na sociedade. De acordo com Nascimento & Gá (2009), o símbolo Adinkra Sankofa retrata um pássaro com a cabeça voltada para trás, sugerindo a ideia de olhar para o passado para reconectar-se com as raízes ancestrais. Essa reflexão sobre o passado visa a repensar o presente e a construir um futuro mais consciente e significativo. Ou seja, para construir empoderamento e resistência, é preciso aprender com os mais velhos, analisando o passado nos passos e caminhos já percorridos pelos ancestrais.

É crucial que os materiais didáticos de língua portuguesa para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) incorporem práticas de letramentos negros e de resistência. Isso garantirá uma aprendizagem mais significativa, alinhada com a identidade dos/as alunos/as e capaz de estimular discussões que promovam uma formação emancipatória, através da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Desta forma, a intenção deste caderno pedagógico é que os/as participantes do processo educacional desenvolvam habilidades de se reconhecerem como agentes capazes de promover ações antirracistas e antissexistas em seus ambientes sociais, escolares e profissionais.

Ressalto ainda que, embora este caderno seja apresentado como uma proposição – já que eu não tive a oportunidade de aplicá-lo em minhas aulas durante a produção desta dissertação –, as oficinas foram construídas para um público específico: os/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), matriculados/as na Escola Municipal Visconde Cairu, localizada em um território periférico de Salvador/Bahia. Esse público é formado majoritariamente por mulheres negras, perfil que também reflete o estereótipo da minha genitora, motivo pelo qual resolvi utilizar a maternidade negra como temática condutora desta proposição. Enquanto professor negro, costurar a minha história de vida às práticas de leitura e escrita em sala de aula, por meio das narrativas dos/as estudantes, significa dar mais sentido aos processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que nossas narrativas são atravessadas por diversos fatores em comum. Afinal, segundo Gonzalez (1984), é a mãe negra que desempenha o papel fundamental no ensino da língua materna. Ela é a primeira a nos falar, a nos contar histórias e a nos ensinar gestos, palavras e seus significados, por meio da linguagem. Assim, as oficinas aqui propostas subsidiam-se numa pedagogia antirracista e antissexista, inclusive dialogando com textos que reverberam tais temáticas.

Por isso, ao utilizar obras de autoras como Conceição Evaristo, Livia Natália e Nilma

Lino Gomes como base, busca-se incentivar os/as estudantes a criarem e compartilharem suas próprias narrativas negras. Essa abordagem permite que os/as alunos/as desenvolvam autonomamente novos conhecimentos a partir do arcabouço cultural que estão se apropriando por meio dos textos produzidos.

Mas repito: tratam-se de propostas. Dessa maneira, o/a docente que busca utilizar este caderno para as aulas de língua portuguesa pode ficar à vontade para substituir as imagens e os textos propostos, inserindo textos verbais e não verbais – assim como experiências – que melhor funcionem para o público de sua sala de aula. Sugiro também que o/a docente busque conhecer o território em que atua, se aproprie principalmente dos perfis social e cultural das suas respectivas turmas, das possíveis contribuições culturais e práticas de letramento que ocorrem no cotidiano dos/as estudantes, a fim de adaptar as oficinas aqui propostas às identidades territoriais do público para o qual leciona, tornando o processo mais significativo.

Enfim, com a finalidade de apresentar à banca de Defesa um protótipo do material que comporá o caderno pedagógico, produto final deste projeto de pesquisa, produzi um conjunto de 10 (dez) oficinas de leitura e escrita, baseando-me nos propósitos que o fundamentam, as quais serão iniciadas por uma roda de conversa e seguirão com as práticas de leitura e de escrita, conforme disposto a seguir.

Espero que este material enriqueça a sua prática pedagógica e contribua para o empoderamento do nosso povo negro e para a atingirmos uma sociedade mais justa e equânime.

Ubuntu!

Prof. Diogo Fonseca

QUADRO-SÍNTESE DAS OFICINAS

OFICINA	TÍTULO	DURAÇÃO	ATIVIDADE
01	Quem é essa tal de África?	04 horas-aula	Sensibilização para o projeto
02	Tal mãe, tal filho: a África em nós	04 horas-aula	Reconhecimento do Samba Junino como traço identitário da ancestralidade africana no Território.
03	A mulher está na roda de samba, bem no centro	04 horas-aula	Discussão sobre o protagonismo da mulher no Samba Junino
04	Guerreiras e rainhas	04 horas-aula	Percepção da importância da representatividade no empoderamento feminino negro
05	Do útero de minha mãe-preta, nasce a minha língua...	04 horas-aula	Compartilhamento de memórias
06	...e é no peito de minha mãe que eu a alimento!	04 horas-aula	Compreensão da escrevivência como recurso antirracista.
07	Mãe ancestral: uma mulher comum girando rainha.	04 horas-aula	Leitura de textos jornalísticos / Escuta de mitologia africana / Oficina de dança afro
08	Mulher, sua poesia é Água!	04 horas-aula	Análise de poema e leitura de entrevista
09	Mãe é mulher que ama, deseja e sofre, mas também se liberta!	04 horas-aula	Análise de textos poéticos
10	Brilho e poder maternal: insubmissa beleza da mulher negra	04 horas-aula	Leitura de textos multissemióticos (relato biográfico, clipe musical, documentário, letra de música)
TOTAL	-----	40 horas-aula	-----

A duração de cada oficina é uma projeção pensada a partir da realidade vivenciada pelo autor deste trabalho, diante de suas experiências em sala de aula da EJA. A sugestão é que sejam iniciadas na primeira semana do mês de abril ou na última de março, pois é o período em que se iniciam os preparativos do Samba Junino no território em que a escola está inserida. Além disso, o percurso de 10 (dez) semanas coincide exatamente com a segunda semana do mês de junho, quando normalmente ocorre a festa junina da escola.

Porém, o/a docente que desejar desenvolver as atividades aqui propostas poderá adequar o tempo e o período de realização das oficinas, assim como poderá também suprimir algumas etapas das oficinas ou acrescentar outras, baseando-se em seus objetivos e em sua respectiva realidade.

OFICINA 01: QUEM É ESSA TAL DE ÁFRICA?

Atividade: Sensibilização para o projeto

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (mapa e fotografias).
- Levantar hipóteses.
- Participar de interações orais em sala de aula, respeitando os turnos de fala.
- Desenvolver a escuta e a oralidade.
- Conhecer, avaliar e posicionar-se acerca da relevância do projeto.

Ações:

- Dispor a turma em círculo, a fim de criar um espaço propício para **Aprendizagem Circular**¹.
- Questionar se alguém da turma é oriundo de outra cidade/estado/país, ou se conhece alguém que o seja. Caso positivo, pedir aos/às alunos/as para que contem de quem se trata e qual a motivação para este/a sujeito/a estar em Salvador. Caso negativo, passar ao próximo passo. Solicitar que socializem, ainda oralmente, as ações que formam suas (dos/as estudantes) rotinas cotidianas. Após a socialização, levá-los/as a imaginar uma fictícia situação de seu desterramento a um país cuja língua e cultura são bem diferentes das deles/as. Pedir que descrevam os seus sentimentos e as atitudes que tomariam diante de tal realidade imaginada.
- Provocar-lhes para que mencionem o nome de alguns países e continentes de que já visitaram, já ouviram falar ou sobre os quais possuem conhecimento acerca de suas características. Anotar as contribuições.
- Apresentar-lhes as seguintes imagens, solicitando-lhe que identifiquem/suponham, a partir dos conhecimentos prévios, quais países/continentes são retratados nas fotografias. É importante não mostrar o nome dos países, referenciados mais adiante. Sugiro imprimir as fotografias ou projetá-las na televisão ou no projetor de slides, de acordo com as possibilidades da escola e com o que achar melhor. A ideia desta etapa é desconstruir a visão que se tem do continente africano como “sede mundial da miséria e da fome”, levando-os a terem contato com

Aprendizagem circular

¹ A transmissão de conhecimentos através da tradição oral é uma prática presente em diversas sociedades africanas, sendo conhecida muitas vezes como "escolas da vida". Nesses espaços, as iniciações ocorrem durante a transição da juventude para a maturidade. De maneira análoga, nas comunidades afrodiáspóricas, também podemos perceber esse movimento.

As instituições como escolas e grupos de samba, blocos afro, casas de candomblé, coletivos de capoeira, movimento hip-hop, comunidades quilombolas, entre outras, representam agências de letramentos negros. Essas entidades têm desempenhado um papel crucial na resistência e reafirmação histórica, através de processos educacionais contínuos que enfatizam usos sociais específicos da leitura e escrita.

Na tradição da "Mãe África", a roda assume o significado de uma energia dinâmica, onde o sagrado e o profano encontram o espaço para manifestarem-se, por meio das histórias narradas e mitos enraizados no rico universo cultural negro.

Fonte:

FREITAS, Henrique. Letramentos negros: o corpo como saber.

Portal Geledés. Sua majestade, o samba.

as riquezas e contribuições africanas em diversos âmbitos. Mas somente apresente os nomes dos países no final da oficina².



ATENÇÃO!

²Mesclre imagens de cunho positivo com outras, de cunho negativo.

Sinta-se à vontade! Não é necessário apresentar todas as imagens sugeridas.

Portanto, é possível escolher algumas apenas ou pesquisar outras fotografias de países africanos e europeus, desde que se mantenha o objetivo de revelar a África como um continente diverso e pleno de riquezas, inclusive naturais e arquitetônicas.

- Após as respostas e as necessárias anotações, questioná-los/las sobre o que lhes vêm à mente quando escutam a palavra “África”³ e escutar o que têm a dizer.

Perguntar-lhes sobre o que conhecem deste lugar, sobre as pessoas que lá habitam, seus costumes, culturas, línguas, aspectos geográficos (noção de continente, de país etc.). Se possível, anotar no quadro as respostas dos/as estudantes. Caso haja equívocos relacionados a alguma informação trazida pelos/as estudantes, é importante aguardar todos se colocarem e depois intervir, esclarecendo noções que se fizerem necessárias.

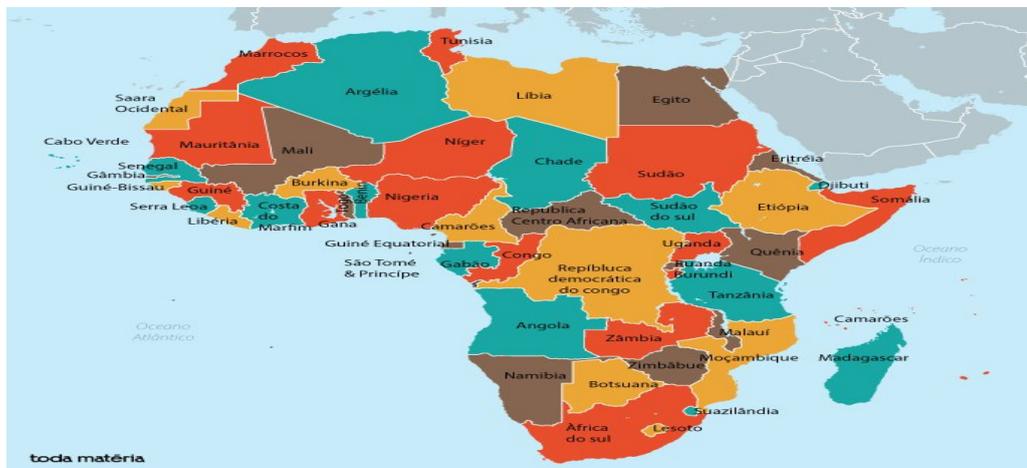
PARA ESTUDAR

³ MUNANGA, K.; GOMES, N.L. África: berço de diversas civilizações. In: _____. *Para entender o negro no Brasil de hoje: histórias, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

- Revelar o nome dos países retratados nas fotografias, conforme apresentado a seguir.

1. Marrocos	9. Nigéria	17. Egito
2. Tunísia	10. Angola	18. Itália
3. Egito	11. Angola	19. Itália
4. Egito	12. Rep. Dem. do Congo	20. França
5. Moçambique	13. Senegal	21. França
6. Tanzânia	14. África Do Sul	22. Portugal
7. Etiópia	15. África Do Sul	23. Espanha
8. Nigéria	16. África Do Sul	24. Espanha

- Apresentar o mapa físico da África, sinalizando o número de países e a diversidade cultural nela existentes. Provocar-lhes para que localizem os países retratados nesta oficina.



MAPA DA ÁFRICA. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/aspectos-gerais-da-africa/>

- Propiciar um momento para que os/estudantes comentem suas impressões. Mencionar a necessidade de, enquanto povo afrodiáspórico, conhecermos a África por meio de outras perspectivas, citando *O perigo de uma história única*⁴, de Chimamanda Ngozi Adichie.

- Conduzi-los/as a refletirem e a se posicionarem sobre a necessidade (ou não) de conhecer a África e o Brasil africano em sala de aula.

PARA ESTUDAR

⁴ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OFICINA 02: TAL MÃE, TAL FILHO: A ÁFRICA EM NÓS!

Após perceber o interesse pelo estudo sobre o continente africano, proponho que esta oficina e a próxima estejam relacionadas à questão da identidade cultural do território. Neste caso, sugiro que elas sejam baseadas no Samba Junino, uma vez que esta é uma manifestação cultural muito presente no cotidiano do território no qual está localizada a escola em que atuo:

o bairro do Engenho Velho de Brotas, na cidade de Salvador, na Bahia. Assim, os/as estudantes devem perceber que muito das nossas identidades foi construído a partir das contribuições africanas no processo de formação do povo brasileiro. A África, berço da humanidade, gera laços maternos na formação dos demais povos do mundo, mais especificamente na construção identitária de Salvador, cidade da diáspora africana que concentra maior número de habitantes negros/as. Dentre tantas marcas, herdamos dos povos africanos a cultura da festividade.

Entretanto, caso o/a docente perceba, em seu território, uma manifestação cultural de base africana que funcione como traço identitário mais latente e promissor, sugiro que o utilize nestas oficinas, realizando as adaptações que se fizerem necessárias ao cumprimento dos seus objetivos.

É possível também que o/a professor não tenha acesso às produções culturais de samba junino, devido ao território em que esteja inserido/a, mas queira relacionar os traços identitários que ligam o Brasil à África por meio da música/dança. Nesse caso, é possível adaptar as oficinas 02 e 03 para o uso do gênero musical Samba de Roda, que é mais próximo do Samba Junino.

Atividade: Reconhecimento do Samba Junino como traço identitário da ancestralidade africana no território.

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (fotografias e letras de música).
- Reconhecer traços identitários que unem a cultura de alguns povos africanos à do próprio território.

Ações:

- Dispor a turma em círculo.
- Solicitar aos/às alunos que sintetizem a última oficina, evidenciando suas marcas de aprendizagem.
- Relembrar informações cruciais acerca do continente africano tratadas na oficina anterior.
- Apresentar a canção *Cordão umbilical*, do Ilê Aiyê.
- Pedir-lhes que justifiquem o título da canção, apontando versos que subsidiem seu ponto de vista.
- Solicitar-lhes que apresentem os termos da canção que se referem à maternidade e que socializem os possíveis sentidos gerados a partir da associação “Maternidade – África”.
- Requisitar que destaquem os recursos minerais africanos mencionados na canção.
- Questionar-lhes acerca da maneira como a África é apresentada na letra da canção,

relacionando com as visões propagadas pela mídia, pelos livros didáticos etc.

Cordão Umbilical (2001)

Compositores: Juraci Tavares/Luiz Bacalhaus

Da escuridão surge a Luz
Útero negro, prosperidade
Do negrume africano a humanidade
Senhora Ébano, DNA do mundo
Célula materna
Primeira maternidade na terra

Foi lá onde o homem começou, na África
Ilê Aiyê, África Fértil Salvador

Ventre fértil, sentimento profundo
Mãe natural, fio inicial
África, do mundo eterno cordão umbilical
Rebentos da mãe preta
Europa, Oceania, Ásia, América
Zumbi, Mandela, Egito
Tecnologia de ferro, Ilê Aiyê, Steve Biko

[...]

TAVARES, Juracy; BACALHAU, Luiz. **Cordão umbilical**. In Cadernos de educação, Salvador, PEP do Ilê Aiyê, v.9, p35, 2001.

- Provocar-lhes para que compartilhem o que conhecem sobre o bloco afro Ilê Aiyê.

- Apresentar-lhes as seguintes imagens⁵, solicitando-lhes que as analisem, descrevam-nas verbalmente, sugerindo quais imagens retratam a África e quais retratam o Brasil.



ATENÇÃO!

⁵Assim como na Oficina 01, o docente poderá escolher outras imagens mais relacionadas aos processos de manifestação cultural do seu território, desde que mantenha o objetivo da Oficina 02.

Da mesma, deixe para revelar as informações da legenda ao final da etapa.

- Revelar as informações acerca da origem das imagens, conforme quadro a seguir.

1. Samba, em Angola.	7. Agudás: retornados do Brasil em África.
2. Samba, em Salvador/Ba.	8. Casa de Oxumaré, em Salvador/Ba.
3. Samba, em Angola.	9. Casa das Minas, África Ocidental.
4. Samba Junino, Eng. Velho de Brotas, Salvador/BA.	10. Cortejo Afro, Salvador/Ba.
5. Agudás: retornados do Brasil em África.	11. Casa das Minas, África Ocidental.
6. Engenho Velho da Federação, Salvador/BA.	12. Tumba Junsara, Eng. Velho de Brotas, Salvador/Ba.

- Pedir-lhes que identifiquem os traços identitários semelhantes entre as pessoas apresentadas nas fotografias.

- Questionar-lhes acerca de quais manifestações retratadas já foram ou são vivenciadas por eles/as. Atentar-se à socialização das respostas, porque elas contribuirão para a percepção da questão identitária da turma.

- Perguntar-lhes o que conhecem sobre o Samba Junino, escutar atentamente e anotar o que for mais relevante. Ampliar as informações, se necessário, conduzindo-os/as a refletirem acerca da importância do Samba Junino como manifestação das festividades religiosas e símbolo da identidade cultural do território escolar.
- Compartilhar informações acerca das origens do Samba Junino nas rodas de candomblé⁶.
- Escutar a canção *Cultura nova*, do Samba Leva Eu.

PARA ESTUDAR

⁶ Origem do samba junino.

Disponível em:
<https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil-tarde/2023/06/samba-junino-tem-origem-no-candomble-e-nas-festas-de-caboclo>.

Cultura nova

Samba Leva Eu / Florisvaldo

Saudade dos velhos tempos
 Mais fácil de se viver
 Do telhadinho de palha
 Da casa de massapê
 Da roça que vovô cuidava
 Que Deus ajudava a molhar
 Vovó com um filho no bucho
 Já com mamãe pra criar
 Fazia roupa de saco

Tão boa de se usar
 Hoje os tempos mudaram
 Dá vontade de chorar
 Se usa roupa de marca
 Mas se esquecem de amar
 Cultura nova rasgou os panos, mamãe,
 Que vovó costurou
 Cultura nova rasgou os panos, mamãe,
 Que vovó costurou.

Faixa 16: Samba Leva Eu – autor: Florisvaldo. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-221728106/faixa-16-samba-leva-eu-cultura-nova>

- Perguntar aos/às alunos/as que já participaram dos desfiles de Samba Junino no bairro como ocorrem tais eventos e de que forma eles/as participam dos mesmos.
- Solicitar que socializem suas leituras acerca da canção, inicialmente no que tange às expressões “Cultura nova” e “os velhos tempos” (mudança de paradigma cultural), mas principalmente no que tange à relação do eu lírico com a maternidade e com a ancestralidade.
- Pedir que busquem em suas lembranças quais memórias trazem dos momentos de vivência do Samba Junino (ou de outra manifestação cultural do território em que vive ou viveu) e que as compartilhem com a turma.
- Orientar a produção escrita de uma narrativa que evidencie essa(s) vivência(s) do/a estudante com sua mãe e/ou com sua(s) avó(s), na qual destaque a percepção da transformação do contexto social, histórico e/ou cultural.

OFICINA 03: A MULHER ESTÁ NA RODA DE SAMBA, BEM NO CENTRO.

Atividade: Discussão sobre o protagonismo da mulher no Samba Junino

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (notícia e letra de música).
- Despertar para a necessidade do empoderamento feminino nos diversos âmbitos sociais.

Ações:

- Dispor a turma em círculo.
- Solicitar aos/às alunos/as que sintetizem a última oficina, evidenciando suas marcas de aprendizagem.
- Solicitar da turma os nomes dos grupos de samba junino mais conhecidos no território.
- Questionar sobre as manifestações culturais ocorridas no bairro, ressaltando a relação do Samba Junino com a ancestralidade africana, e sobre os temas mais retratados nas letras das canções de samba junino.
- Escutar a canção *O balaio da nega é GG!*, do grupo Samba Jaké.

O balaio da nega é GG!

Jorge Oliveira dos Santos / Neivaldo de Oliveira Sales

É GG, é GG, é GG, o balaio da nega é GG!
É GG, é GG, é GG, o balaio da nega é GG!

No Engenho Velho, tem um samba tão gostoso, é o Jaké
Lá tem balaio de todo tamanho, aqui lhe pergunto como é
Aqui tem balaio P? (-Tem!) Tô vendo você
Aqui tem balaio M? (-Tem!) Que lindo de se ver
Aqui tem balaio G? (-Tem!) Já deu pra entender
Aqui tem balaio de todo tamanho: P, M, G, GG e Extra G

Tava na comunidade, no engenho velho, meu irmão
A roda de samba comia no centro, não faltava animação
Lá tinha muitas mulheres; umas chamavam atenção
Quando o balaio da nega mexia, a galera gritava com muita animação

Samba Jaké. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mGIVuyjCH8M>

- Questionar-lhes como interpretam a expressão “Balaio da nega”, trazendo à tona o conceito de plurissignificação, de ambiguidade e de hipersexualização do corpo feminino negro.
- Provocar-lhes quanto à percepção do discurso machista, que dá o tom em algumas letras desses sambas, presente também no verso “Lá tinha muitas mulheres; umas chamavam a atenção”, evidenciando o comportamento sexista e o olhar classificatório dos homens numa roda de samba, os quais “gritavam quando o balaio da nega mexia”.
- Verificar se eles/as conhecem outras letras de samba que utilizam a plurissignificação e/ou a ambiguidade para se referirem à objetificação do corpo da mulher negra.
- Perguntar sobre como são formados o grupo Samba Jaké e os demais grupos de samba junino que eles/as citaram.

- Indagar sobre a participação ativa ou passiva das mulheres nos eventos de samba junino.
- Provocá-los/as para que digam quais são as funções normalmente destinadas às mulheres nesses eventos.
- Compartilhar a leitura do texto *Giradelas: Grupo feminino de samba brilha no Festival Samba Junino*, publicado no site do Jornal Massa.

Giradelas: Grupo feminino de samba brilha no Festival Samba Junino

Dique do Tororó vira um verdadeiro sambódromo ao céu aberto neste domingo (25)

EMPODERAMENTO FEMININO - 25/06/2023, 17:25 – POR VINICIUS VIANA



Giradelas surgiu há aproximadamente três meses | Foto: Vinicius Viana/Portal Massa!

O Dique do Tororó se tornou um verdadeiro sambódromo ao céu aberto com o Festival Samba Junino, na tarde deste domingo (25), em Salvador. Entre as diversas atrações que desfilaram no evento, um grupo se destacou e atraiu a atenção de centenas de pessoas: o Giradelas, primeiro grupo de samba composto exclusivamente por mulheres a desfilar no samba junino e que faz parte da Liga do Samba.

O Giradelas surgiu há aproximadamente três meses, fruto do sonho de Cláudia Rosa, de 48 anos, apaixonada pelo samba desde os tempos em que dançava nos terreiros de candomblé. Atualmente, o grupo é formado por 12 musicistas e conta com o apoio de 80 mulheres.

Em entrevista ao Portal Ma!, ela falou sobre o propósito do grupo. "Tudo começou com o sonho que eu tinha de colocar uma banda feminina na liga do samba e conseguir alcançá-lo com as meninas", iniciou.

"O samba feminino surgiu da necessidade de nós, mulheres, mostrarmos que sabemos, podemos e bebemos do samba junino", completou Rosa.

VIANNA, Vinicius. Giradelas: grupo feminino de samba brilha no festival samba junino. Empoderamento feminino: Jornal Massa, 25/06/2026. Disponível em: <https://jornalmassa.com.br/sao-joao-2023/giradelas-grupo-feminino-de-samba-brilha-no-festival-samba-junino-1227261>.

- Pedir que destaquem a informação principal e as secundárias, veiculadas na notícia lida.
- Deixar que se expressem acerca da importância de tal notícia e o que ela representa para a cultura do Samba Junino e para as mulheres deste território.
- Apreciar a letra da canção *Gira sol*, música de trabalho do grupo citado na notícia.

Gira sol

Compositor: Alexandre Babilônia

Cansadas de correr atrás de samba de roda
Pretas lindas e empoderadas
As mulheres se juntaram
Pra fazer você sambar

Elas giram, gira o mundo, gira sol
Machosfera não vai brilhar nesse sol

O samba gira e o movimento gira em prol
Das mulheres do samba

O marco do samba é mulher
A joia do samba é mulher
Quem canta esse samba é mulher
Lugar de mulher é onde ela quiser

Grupo Gira delas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8tNikLJNooU>. Duração: de 00:12:00 às 00:13:40

- Discutir a mudança de paradigma em relação à centralidade da mulher negra na roda de samba.
- Ressaltar a relevância do protagonismo feminino em todas as lutas diárias, a fim de que a mulher alcance uma maior chance nos cargos de decisão e de poder.
- Solicitar a produção de uma narrativa biográfica, partindo das experiências vivenciadas no Samba Junino, evidenciando as memórias afetivas e o protagonismo feminino tão necessário ao cotidiano. Caso o/a estudante nunca tenha participado do Samba Junino, pode escrever sobre a vivência em qualquer evento cultural ligado ao seu território e/ou à sua memória.

OFICINA 04: GUERREIRAS E RAINHAS

Atividade: Percepção da importância da representatividade no empoderamento feminino negro

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (filme, letra de música).
- Reconhecer a necessidade da representatividade no protagonismo da mulher negra.

Ações:

- Dispor a turma em círculo.
- Solicitar aos/às alunos que sintetizem a última oficina, evidenciando suas marcas de aprendizagem.
- Exibir o resumo do filme *A Mulher Rei*⁷, por meio de umas das plataformas digitais de *streaming*.
- Solicitar-lhes que socializem suas impressões diante do que fora exibido, destacando o protagonismo da mulher negra na narrativa e o conflito maternal enfrentado pela protagonista, ressaltando sua essencial contribuição na história, como principal responsável pela libertação do seu povo, e relacionando a narrativa ao processo de colonização do Brasil.
- Perguntar-lhes o que conhecem sobre a protagonista do filme, de que outros filmes e séries ela já participou e o que suas obras costumam transmitir.
- Questionar se sabem da visita feita pela atriz Viola Davis (protagonista do filme) a Salvador em novembro de 2023 e comentar sobre a importância de tal ato e do evento *Liberatum* para as discussões relacionadas aos pleitos da negritude.
- Recomendar a leitura de *Em busca de mim*⁸, autobiografia de Viola Davis.

PARA ASSISTIR

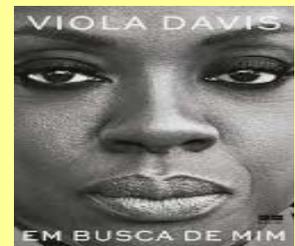
⁷ *A Mulher Rei*. (Resumo)



Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=WtidWQE-L9g>

PARA INDICAR

⁸ *Em busca de mim*



- Pedir-lhes que pensem em uma mulher-mãe, cuja história tenha sido marcada por lutas, superação de obstáculos, dilemas e conquistas, assim como a da Mulher Rei.
- Orientar a produção, em duplas ou trios, de um *podcast*, produzido nos *smartphones* dos/as próprios/as estudantes, em que eles/as contem a história vivida por essa mulher, a qual apresenta, ainda que metafóricamente, semelhanças com a guerreira e rainha, protagonista do filme. Após a socialização, a turma poderá divulgar as produções na rádio da comunidade.
- Lembrá-los/as de evidenciar os dilemas da maternidade enfrentados e superados (ou não) pela protagonista da narrativa.

OFICINA 05: DO ÚTERO DE MINHA MÃE-PRETA, NASCE A MINHA LÍNGUA...

Atividade: Compartilhamento de memórias

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (conto, poema e biografia).
- Conhecer Conceição Evaristo.
- Compreender recursos expressivos no texto, através das figuras de linguagem.
- Perceber o vínculo maternal como construtor de uma linguagem de resistência.

Ações:

- Dispor a turma em círculo.
- Pedir aos/às estudantes que sintetizem o que recordam da oficina anterior.
- Declamar o poema *De mãe*, de Conceição Evaristo.

De mãe	
<p>O cuidado de minha poesia Aprendi foi de mãe, mulher de pôr reparo nas coisas, e de assuntar a vida.</p> <p>A brandura de minha fala na violência de meus ditos ganhei de mãe, mulher prenhe de dizeres fecundados na boca do mundo.</p> <p>Foi de mãe todo o meu tesouro, veio dela todo o meu ganho mulher sapiência, yabá, do fogo tirava água do pranto criava consolo.</p> <p>Foi de mãe esse meio riso dado para esconder</p>	<p style="text-align: right;">Conceição Evaristo</p> <p>alegria inteira e essa fé desconfiada, pois, quando se anda descalço, cada dedo olha a estrada.</p> <p>Foi mãe que me descegou para os cantos milagreiros da vida apontando-me o fogo disfarçado em cinzas e a agulha do tempo movendo no palheiro.</p> <p>Foi mãe que me fez sentir as flores amassadas debaixo das pedras; os corpos vazios rente às calçadas e me ensinou, insisto, foi ela, a fazer da palavra artifício arte e ofício do meu canto, da minha fala.</p>
<p><small>EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2021. p.79-80</small></p>	

- Motivá-los/as a recordar momentos vividos com sua mãe e compartilhar os aprendizados construídos com ela. Pode-se, é claro, associar esta etapa a uma figura materna, não necessariamente à mãe do/a estudante, devido às diversas histórias de vida.
- Indagar-lhes sobre o motivo que os/as levaram a retornar à escola, como estudante da EJA, e sobre como se deu o início dos seus processos de aprendizagem da leitura e da escrita.
- Ler, com a turma, o texto *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, de Conceição Evaristo.

Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita

Conceição Evaristo

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente juntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.

[...]

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Rio de Janeiro, Agosto de 2005.

Publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Marcos Antônio Alexandre (Org.), Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> . Acesso em: 15 out. 2023.

- Provocar-lhes, a fim de refletirem acerca dos momentos em que mais percebem a necessidade da utilização da leitura e da escrita nos seus afazeres cotidianos, deixando que contem um pouco sobre suas ocupações, atividades, rotinas familiares etc.
- Pedir-lhes que relacionem a narrativa lida com suas próprias memórias, observando os atravessamentos vivenciados, principalmente no que tange à presença e à notoriedade das atitudes maternas neste processo.
- Discutir, com a turma, os conceitos de ancestralidade, de poder matriarcal, de letramento familiar e de escrita autoafirmativa, por meio de trechos do texto.
- Analisar, com a turma, algumas expressões conotativas utilizadas pela autora, no texto, por meio do conceito de plurissignificação.
- Questioná-los/as acerca de como eles/as compreendem o último parágrafo do texto: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande, e sim para

incomodá-los em seus sonos injustos”.

- Solicitar que pesquisem a biografia de Conceição Evaristo⁹ e que socializem as informações que mais lhes chamaram à atenção na vida da escritora.

PARA INDICAR

9 Biografia de Conceição Evaristo



Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-literatura-como-testemunho/#:~:text=Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%20C3%A9%20ficcionista%20e%20Cadernos%20Negros%20do%20grupo%20Quilombaje>

OFICINA 06: ...E É NO PEITO DE MINHA MÃE QUE EU A ALIMENTO!

Atividade: Compreensão do conceito de Escrivivência como recurso antirracista.

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos multissemióticos (discurso de posse e letra de música).
- Reconhecer as marcas da oralidade como instrumento de resistência política.
- Conhecer o conceito evaristiano de Escrivivência.

Ações:

- Dispor a turma em círculos e solicitar que sintetizem a oficina anterior.
- Explicar-lhes o conceito de Escrivivência¹⁰, como um fenômeno de luta e resistência, por meio da escrita e da memória ancestral africana.

PARA ESTUDAR

¹⁰ **ESCREVIVÊNCIA: o que é isso?**

A reflexão sobre a Escrivivência como fenômeno diaspórico e universal remete à imagem central do termo, não apenas como grafia ou som, mas como um sentido gerador que fundamenta e inicia sua dinâmica. A figura essencial é a da Mãe Preta, uma mulher escravizada na casa-grande, cuja função forçada era cuidar da prole da família colonizadora.

A Mãe Preta, figura central, desempenhava diversas funções como mãe de leite, preparadora de alimentos e contadora de histórias na casa-grande, apesar de sua condição de escravizada. Ao ser encarregada de acalmar os filhos dos colonizadores, ela transmitia histórias, cantava e embalava futuros senhores, mantendo viva a tradição oral. O conceito de Escrivivência, inicialmente ligado à escrita das mulheres negras, busca desfazer a imagem do passado, onde a voz das escravizadas era controlada pelos senhores. Hoje, a escrita é uma ferramenta de empoderamento, resgatando a potência da oralidade ancestral. A mensagem é clara: a escrevivência não visa adormecer, mas despertar os herdeiros da casa-grande de seus sonos injustos.

Dessa forma, a escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, na qual o/a sujeito/a se coloca e se pronuncia para afirmar a sua origem de povos africanos e celebrar a sua ancestralidade, conectando-se tanto com os povos africanos quanto com a diáspora africana.

FONTE: EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE; NUNES (Orgs). Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

- Indagar-lhes se têm ciência acerca do fato de Conceição Evaristo ter se tornado imortal pela Academia Brasileira de Cultura (ABC) em 2023 e a importância dessa nomeação para o enfrentamento do racismo e sexismo nas instituições brasileiras.
- Exibir o vídeo do discurso de posse de Conceição Evaristo na ABC¹¹.
- Destacar a importância do uso da linguagem como instrumento de resistência e de enfrentamento ao racismo.
- Escutar a música *Mama África* com a turma.

PARA ASSISTIR

¹¹ Discurso de posse de Conceição Evaristo na ABC



Disponível em:
<https://www.instagram.com/reel/C0gdETHulz/?igsh=dHdlZGhhbXNkMWNr>

Mama África

Chico César

Mama África
 A minha mãe
 É mãe solteira
 E tem que
 Fazer mamadeira
 Todo dia
 Além de trabalhar
 Como empacotadeira
 Nas Casas Bahia

Mama África, tem
 Tanto o que fazer
 Além de cuidar neném
 Além de fazer *denguim*
 Filhinho tem que entender

Mama África vai e vem
 Mas não se afasta de você

Quando Mama sai de casa
 Seus filhos se *olodunzam*
 Rola o maior jazz
 Mama tem calo nos pés
 Mama precisa de paz
 Mama não quer brincar mais
 Filhinho dá um tempo
 É tanto contratempo
 No ritmo de vida de mama

Deve ser legal
 Ser negão em Senegal

CÉSAR, Chico. **Mama África**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SYy5BYjSc-w>.

- Analisar a letra da canção, traçando um perfil social, econômico, profissional e cultural da mulher-mãe citada na letra de música, aproximando-o do das mães e mulheres da turma.
- Levar os/as estudantes a identificarem as marcas sociais das mães da narradora do conto e da do eu-lírico da canção.
- Orientar a produção de um relato de experiência de aprendizagem vivenciada a partir do lugar de filho(a) ou de mãe, enfatizando os traços identitários dessa mulher-mãe preta como ferramentas para o enfrentamento do racismo e do sexismo no seu cotidiano.

OFICINA 07: MÃE ANCESTRAL: UMA MULHER COMUM GIRANDO RAINHA.

Atividade: Leitura de textos jornalísticos / Escuta de mitologia africana / Oficina de dança afro

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Refletir acerca da valorização da ancestralidade africana como instrumento de enfrentamento ao racismo.
- Discutir a contribuição cultural e religiosa de matriz africana no território.
- Ler e compreender a riqueza da linguagem corporal sob o prisma das religiões de matriz africana.

Ações:

1ª Etapa

- Dispor a turma em círculos e solicitar que sintetizem a oficina anterior.
- Pedir que compartilhem um pouco das vivências religiosas no território, a fim de refletir acerca do respeito à diversidade religiosa. Indagar: Quais denominações religiosas são encontradas no território? Existe diálogo inter-religioso no território? Tem sido comum a ocorrência de eventos relacionados à intolerância religiosa? Normalmente, em casos de intolerância religiosa, quais denominações costumam ser perseguidas e violentadas?
- Questioná-los/as sobre o que lhes vêm à mente quando escutam a palavra “Candomblé”.
- Após a escuta, sugerir a leitura da reportagem *Reis e rainhas entre nós: onde Brasil escondeu realce africana sequestrada*.

PRESENÇA HISTÓRICA REPORTAGEM

Reis e rainhas entre nós: onde Brasil escondeu realce africana sequestrada



Mãe Olga de Alaketu, descendente de princesa africana escravizada na Bahia, o então ministro da cultura Gilberto Gil e Mãe Stella de Oxóssi em confraternização de 2003. Imagem: Antônio Milena/Agência Brasil

Carlos da Silva Jr - Colunista do UOL - 16/11/2022 04h00

Quem trabalha com pesquisa histórica sabe que investigar as vidas de homens e mulheres em escravidão não é tarefa fácil. Os dados são fragmentários, espalhados em fundos documentais diversos. É preciso cruzar uma variedade de fontes para criar uma imagem do que teria sido a trajetória dessas pessoas sob a escravidão e em liberdade. Mas a leitura desses dados às vezes mostra como o cativo transatlântico afetava pessoas que nunca imaginávamos que pudessem vir a ser escravizadas, como membros das nobrezas africanas.

Genealogias de reis e rainhas africanas no Brasil têm inundado as redes sociais nos últimos tempos. Em cada post acrescenta-se uma nova linha nas biografias dessas personagens, desembarcados no Brasil como cativos. Estou falando de pessoas como Chico Rei, Aqualtune, Ganga Zumba, Teresa de Benguela e tantos outros. Há um sentido político claro em tais biografias: enfatizar que a ancestralidade africana é constituída de gente importante, poderosa, que a máquina do tráfico negreiro levou a cair nas garras das redes de escravização transatlântica.

Algumas informações sobre essas personagens são oriundas de tradições orais recentes — e em contínuo processo de elaboração e reelaboração. Noutros casos há documentos que apoiam essas narrativas. Houve, evidentemente, o apagamento das histórias dessas personagens ao longo dos séculos. O processo de "morte social", do qual fala o sociólogo Orlando Patterson, teria reduzido a experiência dessas pessoas — e não me refiro apenas à nobreza — ao drama da escravidão, a conversão dessas pessoas à condição de simples commodities. O trabalho das historiadoras e dos historiadores tem sido, nesse caso, desvelar outras experiências.

Os documentos dos arquivos quase nunca indicam a origem social de pessoas africanas sob a escravidão no Brasil. Mas ao cruzar informações dos dois lados do Atlântico, conseguimos acessar algumas dessas histórias de realeza.

A Mulher-Rei e a saga de Na Agontimé

Em uma cena de "A Mulher Rei" (2022), épico de ação dirigido por Gina Prince-Bythewood e protagonizado pela multi-premiada atriz negra Viola Davis, o rei Guezo (interpretado por John Boyega), do antigo reino do Daomé (atual República do Benim), conversa com Malik (Jordan Bolger). Durante esse diálogo, Malik diz ser filho de uma mulher daomeana escravizada e enviada para as Américas. Imediatamente cria-se uma relação de empatia, pois Guezo revela que sua mãe sofreu o mesmo destino às mãos do rei anterior. O rei garante a Malik que quando seus emissários retornassem com sua mãe, trariam a mãe de Malik junto com eles.

Esse diálogo espelha uma das tradições do Daomé, a deportação da mãe de Guezo por Adandozan, seu meio-irmão, que reinou entre 1797 e 1818. Após a morte do rei Agonglô, Adandozan quis debelar qualquer foco de rebelião e resistência ao seu reinado. Por isso espalhou seus adversários políticos pelo Atlântico a bordo dos navios negreiros europeus e americanos.

[...]

SILVA JR., Carlos da. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/presenca-historica/2022/11/16/reis-e-rainhas-entre-nos-onde-brasil-escondeu-realeza-africana-sequestrada.htm>

- Após a leitura, solicitar que exponham suas reflexões acerca de suas descobertas.
- Ponderar sobre o fato de nós podermos, enquanto população afrodiáspórica, pertencer a alguma linhagem da realeza africana e indagar-lhes sobre o que pensam a respeito disso.
- Provocá-los/as a refletirem sobre os motivos pelos quais a comunidade negra no Brasil não consegue afirmar assertivamente à qual linhagem ancestral pertence, mas a branca consegue. Indagar: De que forma a notícia de que pertencemos a uma linhagem real africana impactaria no nosso modo de pensar a vida e na nossa autoestima?
- Discutir a ideia da ancestralidade africana e da tentativa de apagamento histórico africano por parte da branquitude e do colonialismo.
- Apresentar-lhes o artigo biográfico *Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos, que foram escravizados*, sobre Makota Valdina.

POVO PRETO / DESTAQUE

Artigo: "Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos, que foram escravizados"

Por: REDAÇÃO / Fonte: Professor Adson do Brito Velho, 14/01/2021, 11h56

A frase que abre a matéria, é de autoria de MAKOTA VALDINA. Makota Valdina é um dos principais nomes, na luta contra a intolerância religiosa e o racismo, e assim tornou-se, uma das grandes referências na área, em todo o país.

Valdina de Oliveira Pinto, a Makota Valdina, nasceu em Salvador, no Engenho Velho da Federação, em 1943. O nome "Makota" refere-se a função que ela exercia como conselheira da mãe de santo, no Terreiro Tanuri Junsara, no bairro que nasceu. Em 1962, formou-se professora pelo ICEIA, usava suas aulas para fortalecer a identidade racial e cultural dos seus alunos, e chegou a aposentar-se, pela prefeitura de Salvador. Abandonou, em 1975, o Catolicismo, para iniciar-se na religião de Matriz Africana.



Respeitada por intelectuais, políticos de diversos partidos, do alto escalão e por adeptos de outras religiões, Makota Valdina, foi um exemplo de seriedade, respeito pelo outro e ética. A Fundação Gregório de Matos reconheceu Makota Valdina como Mestra Popular do Saber.

A mestra soteropolitana também foi escritora, lançando, em 2013, seu livro, "Meu Caminho, Meu Viver". No ano de 2019, despede-se do plano terreno, com apenas 76 anos de idade, após uma parada cardíaca. E para finalizar, uma outra palavra de sabedoria de Makota Valdina, sobre os negros: "É preciso ser sujeito dessa história. E não, objeto".



Foto: Divulgação

Disponível em: <https://www.gnnews.com.br/noticia/2640/artigo-qnao-sou-descendente-de-escravos-eu-descendo-de-seres-humanos-que-foram-escravizadosq->

- Questionar-lhes se já conheciam D. Makota Valdina, o que significa para eles/as o título de Mestra Popular do Saber e o que aprenderam com a célebre frase que intitula o artigo.
- Evidenciar a diferença de sentido provocada pelo uso dos termos “escravos” / “escravizados”.
- Discutir a importância do fortalecimento da identidade racial e cultural dentro e fora dos espaços escolares.
- Refletir acerca da relevância do protagonismo negro na luta antirracista, retomando a outra citação de Makota Valdina: "É preciso ser sujeito dessa história. E não, objeto". Explicar a diferença semântica entre “ser sujeito” e “ser objeto”, baseando-se na sintaxe da língua.

2ª Etapa

- Realizar uma visita guiada¹³ ao Instituto Pierre Verger, combinando previamente um encontro com a Égbomi Vovó Cici de Oxalá e com o mestre de Dança, Negrizu dos Santos.
- Orientar uma escuta atenta de mitos africanos contados por Vovó Cici, relacionados a Oxum, Yemanjá, Yansã e Nanã, as grandes ayabás.
- Estimular a participação em uma oficina de dança afro com Negrizu, primeiramente escutando atentamente suas explicações acerca dos recursos gestuais e corporais dos movimentos oriundos da relação corpo físico-natureza-ancestralidade; e, a partir da compreensão, explorando tais recursos, por meio da prática da dança afro, orientada pelo mestre dançarino.
- Solicitar que compartilhem com a turma o que vivenciaram e compreenderam das experiências, produzindo uma narrativa em que se associem ancestralidade africana, realeza, protagonismo negro, maternidade e natureza.

ATENÇÃO!

¹³Essa uma proposta de possível realização no contexto territorial para o qual este caderno foi pensado. Afinal, o Instituto Pierre Verger fica localizado próximo à escola e já realiza atividades de portões abertos com a comunidade em geral.

Além disso, consiste em um espaço de tamanha importância cultural na construção da identidade territorial, inclusive com trabalhos relacionados ao empoderamento negro.

Assim, caso não seja possível realizar a visita a uma instituição no seu território, sugiro exibir alguns vídeos de Vovó Cici, disponíveis no Instagram pessoal dela ou no canal *Vovó Cici Histórias* (no YouTube), e a exposição *Negrizu: memórias de um corpo afoxé*.

Links:

<https://www.instagram.com/cicideoxala/>
<https://memorialnegrizu.wordpress.com/>

Observação 1:

Caso haja alguma contestação por parte de estudantes que professem uma fé de matriz não africana e que não se sintam à vontade para realizar a oficina, permitir que estes apenas assistam à exposição e à coreografia de Negrizu, dando-lhes liberdade, inclusive, para se retirarem do espaço, caso assim desejem. É preciso ressaltar que a educação antirracista não é realizada em um passe de mágica e que, mesmo já tendo discutido a temática da diversidade religiosa em oficinas anteriores, não há como assegurar que todos/as os/as estudantes já terão alcançado um nível de compreensão que lhes permita estarem abertos a esta experiência, ainda que esta não apresente um cunho baseado no proselitismo religioso.

OFICINA 08: “MULHER, SUA POESIA É ÁGUA!”

Atividade: Análise de poema e leitura de entrevista

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos poéticos, refletindo acerca da identidade cultural e diversidade religiosa.
- Explorar recursos linguísticos para a produção de textos poéticos.
- Conhecer a poeta soteropolitana Livia Natália.

Ações:

- Dispor a turma em círculos e solicitar que sintetizem a oficina anterior.
- Dialogar com os/as alunos/as em relação às marcas da nossa identidade territorial evidenciada na ancestralidade africana e ao respeito à diversidade religiosa.
- Declamar o poema *Iyá Osun*, de Livia Natália¹².

Iyá Osun

Nesta casa quieta onde vives,
as pedras, limosas e calmas,
são brutas de tanto afeto.

NATÁLIA, Livia. **Sobejos de mar**. Coordenação e ilustração Fernando Oberlaender. 1. ed. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017. p. 53

PARA INDICAR

¹² Biografia de Livia Natália



Disponível em:
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/571-livia-natalia>

- Pesquisar se há alunos/as adeptos/as ao candomblé ou à umbanda e solicitar que eles/as apresentem suas leituras acerca do poema e que compartilhem seus conhecimentos acerca da

orixá Oxum.

- Ressaltar o uso do idioma iorubá no título do poema, evidenciando que o termo “Iyá” em iorubá refere-se a “mãe” e que há diferença na escrita do nome do orixá “Osun” (iorubá) / “Oxum” (português).
- Perguntar se conhecem outros orixás femininos que se relacionam à maternidade e compartilhar tais conhecimentos, sobretudo acerca da relação que eles têm com os sentimentos humanos (amor, ciúme, raiva, tristeza, alegria etc.).
- Explicar o uso da linguagem conotativa nos textos poéticos e a riqueza de sentidos que tal uso promove na leitura dos textos dessa modalidade.
- Explorar os recursos linguísticos de plurissignificação, metáfora, metonímia, antítese e paradoxo, relacionando-o à afetividade feminina.
- Realizar um bate-papo com a autora Livia Natália, possibilitando o contato dos/as estudantes com a autora.
- Caso não seja possível, sugere-se ler e discutir, com os alunos, a seguinte entrevista com Livia Natália, publicada no Jornal A Tarde, importante veículo midiático de Salvador. Sugiro discutir o texto com blocos de duas ou três questões, a fim de que a leitura seja mais significativa e que os/as estudantes possam participar mais e de uma forma mais atenta.



Desde que foi iniciada nos rituais do candomblé, há oito anos, Livia Natália, 38, recebe diariamente presentes de Oxum. O mais recente, fruto de uma trajetória literária vigorosa, foi o título de melhor livro de poesia no Prêmio APCA 2017 para *Dia Bonito pra Chover* (Editora Malê, 2017). Na obra, 30 poemas tratam da temática universal do amor, sob o olhar de uma mulher negra.

Por Luís Fernando Lisboa, do A Tarde

[...]

A partir da história da literatura brasileira e no lugar institucional ocupado pelo Prêmio APCA no país, o que acha do seu nome como ganhadora?

Primeiro, é uma conquista política para o povo negro. Sempre digo, e as pessoas me conhecem por isso: não sei fazer sozinha. Sou uma pessoa de axé. Então, no candomblé, tem uma dinâmica que é assim: todo trabalho é coletivo. Mesmo naqueles de segredo, que exigem recolhimento, sempre haverá, junto do pai ou mãe de santo, um ogã, yakekerê ou babakekerê. Alguém vai estar ali, partilhando. Por isso, a primeira questão é que precisamos entender, e a crítica literária principalmente, que escritoras e escritores negros constroem literatura. Espera-se que, ao falar de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, por exemplo, a pergunta que se levante seja: de que favela essas mulheres vieram? Associam suas obras a uma dimensão sociológica e não literária. Mas, se você ler qualquer uma dessas escritoras, verá que é literatura extremamente forte. Só que os críticos não conseguem enxergar isso.

[...]

O que expressa o lugar de *Dia Bonito pra Chover* nessa cena literária que você descreve?

Esse livro é uma armadilha para uma crítica fácil porque parece que é só um livro de amor. Mas quem acompanha a minha produção sabe que, em 2016, publiquei um texto chamado “Eu mereço ser amada”, em que discuto a dimensão afetiva na vivência de mulheres negras, esse preterimento afetivo. A solidão da mulher negra. Então, essa obra narra determinada vivência amorosa, mas é um livro de militância também. O que chamo de militância afetiva, poder dizer: “Também preciso falar de amor”. Uma das coisas que o racismo faz é nos desumanizar. E como nos desumaniza? Dizendo que não temos complexidade subjetiva, com corpos matáveis, assassináveis.

[...]

E de onde vêm as suas referências de amor?

A minha visão de amor é muito influenciada por duas autoras, básicas na minha formação: primeiro, Clarice [Lispector]. Ela é uma pedra de toque, sem possível deslocamento. Não é porque sou uma escritora de literatura negra que vou rechaçar toda minha formação dentro de uma literatura canônica. Sou uma professora do curso de letras, que é um curso canônico. Então, uma das grandes alegrias que a área de letras me deu foi a possibilidade de ler muitas coisas de Clarice Lispector. Esse amor na obra dela me interessa bastante. É sempre ambivalente, sempre contraditório. E a outra autora que me ensinou a falar de amor foi Conceição [Evaristo]. O amor em Conceição é muito desamparado o tempo inteiro. Tanto que o livro nasce nessa chave: de que amor estou falando? De que afeto amoroso?

[...]

***Correntezas e Outros Estudos Marinhos* (2015), seu livro anterior, é dedicado à sua mãe. Por quê?**

Correntezas é muito pessoal porque eu fiz para ela, que está com Alzheimer. Quis pensar como minha mãe, e as mulheres negras da minha família, nos construímos. Quando me separei do primeiro marido, ela disse uma coisa que me deixou atenta: “Não é qualquer homem que aguenta a gente, somos fortes”. Isso me marcou. *Correntezas* tenta falar dessa mãe, que é regida por Iemanjá Ogunté, mulher forte. É um tufão. Nasci diametralmente oposta a ela. Mas, como diz Luedji, eu sei ser trovão.

[...]

“Minha braveza é de água. Essa gramática que Oxum constrói me constitui: o silêncio, a coisa de mergulhar e ninguém saber o que tem lá por dentro.” (Livia Natália)

LISBOA, L. F. **A Tarde**. Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/livia-natalia-venci-a-resistencia-a-escrever-sobre-o-amor-927900>.

- Perguntar-lhes se conhecem outras escritoras negras e o que pensam acerca do impacto produzido em nosso território pela leitura de literatura negra.
- Retomar a frase destacada no final da entrevista: “Minha braveza é de água. Essa gramática que Oxum constrói me constitui: o silêncio, a coisa de mergulhar e ninguém saber o que tem lá por dentro.”.
- Informar que propositalmente a oficina será encerrada a partir da perspectiva do silêncio, a fim de propiciar um momento de reflexão aos/às estudantes, de modo que mobilizem os diversos saberes gerados por meio da discussão da entrevista, sem que haja a necessidade de expor seus pensamentos. Entretanto, caso algum/a estudante deseje se colocar, é importante viabilizar seu turno de fala, solicitando que a turma escute-o/a com atenção.

OFICINA 09: “MÃE É MULHER QUE AMA, DESEJA E SOFRE, MAS TAMBÉM SE LIBERTA!”

Atividade: Análise de textos poéticos

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Ler textos poéticos, para refletir sobre os sentimentos da mulher negra.
- Escutar/compartilhar sentimentos experimentados pela mulher negra.
- Explorar recursos linguísticos para a produção de textos poéticos.

Ações:

- Dispor a turma em círculos e solicitar que sintetizem a oficina anterior.
- Declamar (ou solicitar que um/a estudante declame) o seguinte poema.

Cantiga de Amigo

Meu mui amigo,
 não sei como vos contar:
 ando temendo as estrelas
 que desenhei nas bordas do seu olhar.

Seu cabelo, um longo manto negro
 canta entre meus dedos
 e teço, sem deles nada podar,
 um vestido de rainha, em que me meto.

Resido nos vincos de sua face,
 nos seus olhos se guardam três luas
 e um caminheiro que anda pra dentro.

Amigo, de onde estás vês o quanto me apavora
 nadar longe destas Águas tuas, caudalosas?
 Vi tua bagagem pronta, teus pés na correnteza
 e fiquei qual virgem louca,
 feito pássaro preso, cantando à sua beira.

Meu mui amigo, devo, mas temo vos contar
 que se não voltas para o abrigo deste meu
 corpo,
 seu lar,
 perdem-se dele as janelas,
 e as formas de ser e estar.

NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 15

- Apreciar outros poemas de Lívía Natália.
- Distribuir cópias dos poemas pré-selecionados, para leitura e análise dos/as estudantes.

Outros poemas sugeridos:

- **Dos descaminhos** - NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 43-44
- **Dia bonito pra chover** - NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 59
- **Insurreição** - NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 61
- **Canção do Amor nenhum** - NATÁLIA, Lívía. **Água negra e outras águas**. Salvador: EPP, 2016. p. 99
- **Da cura** - NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 65-66
- **Antes que chova** - NATÁLIA, Lívía. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 67-68
- **E uma canção desesperada** - NATÁLIA, Lívía. **Água negra e outras águas**. Salvador: EPP, 2016. p. 97

- Pedir que explorem, nos poemas lidos, os recursos linguísticos estudados na oficina anterior.
- Explicar o conceito de Eu-lírico nos textos poéticos.
- Orientar que analisem os sentimentos vivenciados pelo eu-lírico de cada poema.
- Propor um momento de socialização das ideias construídas durante a análise.
- Fomentar que as alunas se posicionem em relação aos sentimentos despertados pelas produções poéticas.
- Discutir as temáticas da solidão, do amor, das dores, dos desejos ou da libertação afetiva da mulher negra, apresentados nos poemas lidos pela turma.

- Questionar-lhes em que proporção esses poemas falam sobre os seus sentimentos.
- Provocar os demais (alunos) a comentarem como se sentem diante dessas falas, como percebem (se percebem) essas vivências sentimentais nas mulheres que os cercam, como reconhecem (se reconhecem) posturas masculinas inadequadas que provocam o sofrimento das mulheres e como podem agir para minimizar essas situações no cotidiano.
- Orientar a produção de um texto narrativo, em que os/as estudantes apresentem uma vivência relacionada a um sentimento, de escolha própria, utilizando os recursos linguísticos poéticos estudados.

OFICINA 10: BRILHO E PODER MATERNAL: INSUBMISSA BELEZA DA MULHER NEGRA

Atividade: Leitura de textos multissemióticos (relato biográfico, clipe musical, documentário, letra de música)

Tempo: 4 horas-aula

Objetivos:

- Discutir o empoderamento feminino negro, perpassando pela questão da estética negra.
- Desenvolver estratégias para a produção do relato biográfico.

Ações:

- Dispor a turma em círculos e solicitar que sintetizem a oficina anterior.
- Leitura do texto *Cabelos crespos, coroas de rainhas*, de Nilma Lino Gomes.

Cabelos crespos: coroas de rainhas

Nilma Lino Gomes

A minha primeira experiência de vivência do racismo remonta aos tempos da infância.

[...]

Minha mãe, grande referência da minha vida até hoje, ensinou-me a ler e escrever em casa. Ela era bordadeira e, assim, juntamente com o meu pai, criou a nossa família, composta por quatro filhos, duas mulheres e dois homens. Meu pai, cujo salário de ferroviário arcava também com as despesas de quase toda a sua família, no interior de Minas Gerais, era um líder comunitário. Com ele, aprendi a ter sede de justiça.

[...]

Fiquei assim, calada, com o meu segredo, gostando daquele namoro escondido e silencioso com as letras e as palavras. Um dia, meu pai estava sentado no sofá, lendo jornal, e eu brincando na sala. Parei na sua frente e li em voz alta uma parte da manchete virada para o meu lado. Sem querer, eu me denunciei. Foi um espanto geral:

- A Nilma já sabe ler! Ela já lê. - Foi uma surpresa para toda a família.

Naquele momento, não entendi por que tanta euforia. Mas fiquei muito contente e minha mãe, minha primeira professora, mais ainda.

Sem entender bem o porquê de tanta animação, fui descobrir mais tarde que ela fazia todo sentido para uma família negra e pobre. A habilidade de ler e de escrever (porque eu também já escrevia), construída com a presença sempre firme e amorosa da minha mãe, me poupou - mas não evitou - que eu passasse por determinadas situações de racismo no ambiente escolar.

[...]

Tendo sido alfabetizada pela minha mãe, cheguei na primeira série primária sabendo ler e escrever muito bem. Era criativa e gostava de escrever composição (como era chamada a redação na minha época).

Mas isso não me tornou imune ao racismo na vida e na escola. Embora há anos o Movimento Negro venha denunciando o quanto esse fenômeno perverso emperra a realização da democracia na sociedade e na escola e

tenhamos legislações federais, educacionais e políticas antirracistas, em nível de Estado, até hoje enfrentamos o racismo.

[...]

Foi nesse espaço escolar que me defrontei pela primeira vez com o racismo, vindo de uma colega branca - das poucas que existiam na sala de aula - aborrecida por uma negativa qualquer da minha parte, durante a realização de uma atividade em grupo, cujo assunto hoje não me lembro mais.

Cabelo de bom-bril! - Foi o xingamento racista a mim dirigido.

- O que é isso? - Pensei comigo mesma, pois nunca havia sido xingada assim!

Embora o meu inconsciente tivesse registrado rapidamente o que estava acontecendo, o meu consciente demorou a desvendar a situação. Só me lembro de que fiquei extremamente triste. Não me recordo ter tido outra reação senão o espanto. Eu ainda era uma criança indefesa diante do racismo.

Voltei para casa triste e pensativa. Sabia o que era uma esponja de bom-bril. Era um dos objetos utilizados para a limpeza, áspero o suficiente para raspar a sujeira, duro, sem brilho. Seus similares foram usados, no passado, pelas minhas ancestrais escravizadas, para limpar a sujeira da Casa Grande deixada pelas senhoras, senhores e sua família.

O xingamento racista, ao comparar o cabelo crespo com uma esponja de aço, expressa mais do que desprezo dos racistas em relação à estética e à corporeidade negras. Ele intenciona fixar todas nós, mulheres negras, no lugar de subordinação, inferioridade e fealdade impostos pelo racismo. Coloca-as, simbolicamente, de volta à cozinha da Casa Grande e aos lugares insalubres das senzalas. Expressa um tratamento que desconsidera o trabalho de um grande número de mulheres negras no contexto atual, trabalhadoras domésticas, que criam a sua família, em um contexto de exploração social, econômica, racial e de gênero ainda vivido nos lares das classes médias e das elites.

[...]

Resolvi contar a desavença escolar para a minha família. Minha mãe e irmã prontamente reconheceram o racismo. Minha mãe queria ir à escola para tomar satisfação com a professora, mas a minha irmã mais velha municiou-me de uma série de respostas, algumas muito duras, orientando-me para ter coragem e enfrentar a menina branca e o seu xingamento racista. Combater o racismo tem que ser impactante. Eu internalizei tudo o que ouvi e fui para a guerra, ou melhor, para a escola, no dia seguinte.

Ao chegar à sala de aula, a coleguinha branca que disputava a hegemonia do grupinho de trabalho comigo, veio novamente com tudo para cima de mim. Tentou repetir o xingamento racista do dia anterior, em um dado momento, no qual discordávamos novamente a respeito de uma decisão a ser tomada coletivamente. Certamente, ela notara o meu desconforto e a minha falta de ação diante do xingamento racista praticado no dia anterior.

Porém, antes mesmo que ela terminasse de pronunciar as palavras repletas de racismo, abri a boca e disse tudo e mais um pouco das respostas ríspidas que havia aprendido, em família, no dia anterior. Foram respostas duras o suficiente para desconcertar qualquer racista-mirim. As palavras, ou melhor, os palavrões jorraram indignados da minha boca. Uma indignação ancestral que, só depois de adulta, pude compreender.

O espanto do grupo de colegas foi geral. E da colega branca, então! Nem se fala. De arrogante, ela passou a se sentir humilhada e assustada. E chorou.

A professora foi chamada pelas outras colegas para intervir naquela situação complicada. Lembro-me muito bem dela. Alta, branca, mais velha, com os cabelos lisos sempre penteados na forma de coque. Recordo-me de que era uma docente muito carinhosa.

Ao me ver ser acusada de mal-educada pelas colegas assustadas do grupo de trabalho e que falara palavrão e, ainda, diante da choradeira da minha colega branca que tentara me discriminar novamente, a professora se voltou para mim e perguntou por que havia dito aquelas coisas tão feias. Eu me lembro de dizer:

- Minha mãe e minha irmã me falaram que quando alguém me chamar novamente de cabelo de bom-bril é para eu responder desse jeito. O meu cabelo não é bom-bril.

Qual foi a reação da professora? Ela olhou para mim e sorriu com o canto da boca.

Hoje, percebo que ela demonstrou satisfação diante da resposta corajosa vinda daquela menininha negra, franzina e estudiosa. Ela, então, chamou a atenção da minha colega branca e não me repreendeu.

[...]

Por mais que o racismo tente nos amedrontar, desqualificar e inferiorizar, a nossa herança e resistência ancestrais e insurgentes - como mulheres negras conscientes da nossa negritude - nos ensina a reagir e "sacudir o crespo". Ensina-nos e encoraja-nos a erguer as nossas vozes e as nossas cabeças com orgulho e dizer:

nossos cabelos são coroas de rainhas.

GOMES, NILMA LINO. Cabelos crespos: coroas de rainhas. In: Kassandra Muniz; Analu Souza. (Org.). **Escrita de Mulheres Negras em Conta Gotas**: sobre futuros. 1. ed. São Paulo: Editora Langage, 2022, v. 1, p. 16-27.

- Propor a discussão acerca do padrão estético corporal brasileiro.

- Escutar da turma em que proporção este tema afeta a cada um/a, em relação aos episódios já vivenciados ao longo da infância, juventude e/ou fase adulta, evidenciando as marcas do racismo e sexismo, principalmente nas experiências cotidianas da mulher negra.

- Exibir os documentários *Ilê Aiyê: que bloco é esse?*¹⁴ e *Ilê Aiyê - Poder negro: a revolução do tambor*¹⁵.
- Discutir a necessidade da criação do bloco carnavalesco na década de 1970 em Salvador, hoje Associação Cultural Ilê Aiyê.
- Instigá-los a expressarem-se sobre a importância da representatividade negra na escolha da Deusa do Ébano e sobre a questão da valorização da estética negra, seja a capilar, seja a corporal.
- Assistir ao clipe da música *Negras perfumadas*¹⁶, atentando-se para a letra da canção.
- Estimular que os/as estudantes notem os adjetivos utilizados na caracterização da mulher negra e comparem com o modo como normalmente essa caracterização ocorre nos discursos cotidianos.
- Orientar-lhes a produzir uma narrativa autobiográfica, na qual reflitam sobre os letramentos vivenciados dentro e fora da escola, a partir dos conceitos construídos ao longo da realização das oficinas.

PARA ASSISTIR



¹⁴Ilê Aiyê: que bloco é esse?

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=w6yayrOWHA4>



¹⁵Ilê Aiyê - Poder negro: a revolução do tambor.

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=8LzRcNJm6fQ>



¹⁶Negras perfumadas

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=COdVqYgZQy0>

https://www.youtube.com/watch?v=fW4VfChT_40

CULMINÂNCIA DAS OFICINAS

PREPARAÇÃO:

- Revisão e reescrita dos textos produzidos nas oficinas.
- Montagem da Exposição Literária.

REALIZAÇÃO

- Leitura de algumas narrativas biográficas dos estudantes que se sentirem confortáveis.
- Socialização de relatos estudantis acerca das experiências vivenciadas no projeto.
- Participação das pesquisadoras Ana Lúcia Silva Souza e Carla Akotirene, que brindarão o evento com elucidações sobre Letramentos de Reexistência e Empoderamento Feminino. A presença das convidadas é mais uma sugestão para enriquecer o trabalho realizado, por meio da associação entre teoria e prática e da percepção da representatividade da mulher negra no domínio epistemológico, e dependerá da disponibilidade das pesquisadoras.
- Show de um grupo de samba junino, preferencialmente do grupo Gira delas, a ser realizado na festa junina da escola, com a participação das demais turmas da EJA.

Observação 2:

Alguns textos apresentados neste caderno foram recortados para adaptar ao formato da oficina. Entretanto, a partir de suas respectivas referências e/ou links, o/a docente poderá ter acesso à obra integral e utilizá-la como melhor lhe convier. A lista de referências a seguir corresponde aos textos apresentados no caderno pedagógico; as referências discutidas ao longo da dissertação estão posicionadas após as Considerações Finais do referido trabalho.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CÉSAR, Chico. **Mama África**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SYy5BYjSc-w>>. Acesso em 18 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE; NUNES (Orgs). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações Performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

EVARISTO, Conceição. De mãe. In: _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021. p.79-80.

EVARISTO, Conceição. **Discurso de posse de Conceição Evaristo na ABC**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/C0gdEThulzl/?igsh=dHdlZGhhbXNkMWNr>>. Acesso em 18 dez. 2023.

FREITAS, H. Letramentos negros: o corpo como saber. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 23(2), p.315-328, 2022. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/43499/35428/145389> >. Acesso em 15 mar. 2023.

GOMES, NILMA LINO. Cabelos crespos: coroas de rainhas. In: Kassandra Muniz; Analu Souza. (Org.). **Escrita de Mulheres Negras em Conta Gotas**: sobre futuros. 1. ed. São Paulo: Editora Langage, 2022, v. 1, p. 16-27.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALEZ%2C%20Lélia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em 14 abr. 2023.

GRUPO GIRA DELAS. **Gira Sol**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8tNikLJN0oU>>. Duração: de 00:12:00 às 00:13:40. Acesso em 10 dez. 2023.

ILÊ AIYÊ. **Negras perfumadas**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=COdVqYgZQy0>>. Acesso em 18 dez. 2023.

LISBOA, Luís Fernando. Venci a resistência a escrever sobre o amor. In: **Muito: Jornal A Tarde**, 08/01/2018. Disponível em:< <https://atarde.com.br/muito/livia-natalia-venci-a-resistencia-a-escrever-sobre-o-amor-927900>>. Acesso em 18 dez. 2023.

LITERAFRO. **Lívia Natália**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/571-livia-natalia>>. Acesso em 18 dez. 2023.

NATÁLIA, Livia. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 67-68

NATÁLIA, Livia. **Água negra e outras águas**. Organização e ilustração Fernando Oberlaender. 2. ed. Salvador: EPP, 2016. p. 99

PETROBRAS. **Ilê Aiyê: que bloco é esse?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w6yayr0WHA4>>. Acesso em 18 dez. 2023.

RIPLEY FILMES. **A Mulher Rei**: resumo em 10 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WtidWQE-L9g>>. Acesso em 18 dez. 2023.

SALVADOR CAPITAL AFRO. **Ilê Aiyê - Poder negro: a revolução do tambor**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8IzRcNJm6fQ>>. Acesso em 18 dez. 2023.

SAMBA JAKÉ. **O balaio da nega é GG!** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mGIVuyjCH8M>>. Acesso em 10 dez. 2023.

SAMBA LEVA EU. **Cultura nova**. Faixa 16. Autor: Florisvaldo. Disponível em: <<https://soundcloud.com/user-221728106/faixa-16-samba-leva-eu-cultura-nova>>. Acesso em 10 dez. 2023.

SILVA JÚNIOR, Carlos da. **Reis e rainhas entre nós: onde Brasil escondeu realza africana sequestrada**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/presenca-historica/2022/11/16/reis-e-rainhas-entre-nos-onde-brasil-escondeu-realeza-africana-sequestrada.htm>>. Acesso em 18 dez. 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____; LIMA, Maria Nazaré Mota de. Rodas de conversa em cena: potencializando vozes de estudantes, que sempre têm o que dizer. In: FREITAS, Henrique; ASSUMPÇÃO, Simone (Orgs.). **Redes de aprendizagens entre a escola e a universidade**. Salvador: EDUFBA, 2019.

TAVARES, Juracy; BACALHAU, Luiz. Cordão umbilical. In: **Cadernos de educação, Salvador, PEP do Ilê Aiyê**, v.9, p35, 2001.

VELHO, Adson do Brito. **Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos, que foram escravizados**. Disponível em: <<https://www.gnnews.com.br/noticia/2640/artigo-qnao-sou-descendente-de-escravos-eu-descendo-de-seres-humanos-que-foram-escravizadosq->>. Acesso em 18 dez. 2023.

VIANNA, Vinicius. Girodelas: grupo feminino de samba brilha no festival samba junino. **Empoderamento feminino: Jornal Massa, 25/06/2026**. Disponível em: <<https://jornalmassa.com.br/sao-joao-2023/girodelas-grupo-feminino-de-samba-brilha-no-festival-samba-junino-1227261>>. Acesso em 10 dez. 2023.